



BAKHTIN E PÊCHEUX: LEITURA DIALOGADA

Ludmila Mota de Figueiredo Porto (UEPB/UFPE)

Maria Cristina Hennes Sampaio (UFPE)

RESUMO: Este artigo faz uma leitura dialogada entre Bakhtin e Pêcheux, a partir de dois textos fundadores de suas obras: *Análise Automática do Discurso*, de Pêcheux, publicado em 1969, e *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de Bakhtin/Voloshinov, publicado em 1929, com o objetivo de aproximar o pensamento dos dois autores em relação ao seu entendimento do lugar ocupado pelos sujeitos na interação verbal e à ideologia de base marxista.

PALAVRAS-CHAVE: Bakhtin, Pêcheux, análise do discurso

BAKHTIN AND PÊCHEUX: A DIALOGICAL READING

ABSTRACT: This paper aims to establish a dialogical reading between Bakhtin and Pêcheux, especially through two important texts which constitute the basis of their works: Pêcheux's Automatic Discourse Analysis, published in 1969, and Bakhtin/Voloshinov's Marxism and the Philosophy of Language, written in 1929, in order to put their ideas together, concerning the way they comprehend the place occupied by the subject in verbal interaction as well as the manner marxist ideology influenced their thoughts.

KEYWORDS: Bakhtin, Pêcheux, discourse analysis

Introdução

A Análise do Discurso surgiu na França, no final da década de 1960 e início da década de 1970. O discurso de encerramento do Colóquio de Lexicologia Política de Saint Cloud, proferido por Jean Dubois, em 1968, e a publicação do livro *Análise Automática do Discurso*, em 1969, por Michel Pêcheux, são tomados como marcos fundadores da nova disciplina.

Centrou-se, inicialmente, no estudo do discurso político, considerando-se a premissa de que a “arma científica da lingüística” oferecia “meios novos para abordar a política” (MALDIDIER, 1994, p. 18). Não obstante, a Análise do Discurso, de natureza interdisciplinar – que congregava tanto a Linguística, como a Psicanálise e a teoria marxista – atraía cada vez mais estudiosos interessados em seu escopo teórico, metodológico e analítico, que se constituiu em importante ferramenta para o conhecimento da sociedade e dos sujeitos. Nessa perspectiva, institui-se como um campo de conhecimento centrado na opacidade da língua, do sujeito e da história, reivindicando teoria e método próprios, já que a análise dos fenômenos linguísticos, naquela época, não ultrapassava o limite da frase, rejeitando-se a ideia do discurso como objeto da Ciência Linguística (ORLANDI, 2002).

Ainda na década de 1970, foram publicadas, também em língua francesa, duas obras assinadas pelos russos M. M. Bakhtin e V. N. Voloshinov, datadas da década de 1920: *Marxismo e Filosofia da Linguagem* e *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tais publicações foram o marco decisivo para a expansão do conjunto de obras do *Círculo de Bakhtin*¹ na França, as quais proporcionavam profícuas discussões nos campos da Literatura, da Poética, da Estética e da Linguística.

A partir da década de 1980, após a primeira tradução (do francês) de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* para o português, a obra passou a ser alvo

¹ O *Círculo de Bakhtin* é a expressão utilizada para designar o grupo de intelectuais russos de diversas formações (da Literatura, do Jornalismo, da Música etc.) que se reuniu entre 1919 e 1929, nas cidades de Nevel, Vibeski e São Petersburgo (rebatizada de Leningrado), para debater questões filosóficas, entre elas, a linguagem. Para maiores detalhes, consultar Faraco (2010).



de crescente atenção de linguistas brasileiros, que se dedicaram a aprofundar o legado bakhtiniano. Nesse sentido, Brait (2006) argumenta que, embora

Bakhtin e seu Círculo não tivessem definido formalmente uma análise/teoria do discurso, seria possível sustentar o nascimento dessa análise/teoria, a partir do conjunto da obra de Bakhtin e seu Círculo:

Sem querer (e sem poder) estabelecer uma definição fechada do que seria essa análise/teoria dialógica do discurso [...] é possível explicitar seu embasamento constitutivo, ou seja, a indissolúvel relação entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas [...] (BRAIT, 2006, p. 10).

Tendo em vista que Análise Dialógica do Discurso privilegia a articulação teórica de conceitos como o de língua, sujeito e história, seria possível aproximar seus objetivos com aqueles estabelecidos pela Análise do Discurso Francesa². No entanto, as várias linhas de Análise do Discurso³ não devem ser confundidas, sendo imprescindível que se estabeleçam suas diferenças, como bem o fez Gregolin, em busca das heranças e filiações de Pêcheux, Bakhtin e Foucault:

Mais do que nunca, é necessário resgatar as fundações teóricas dos projetos desses diferentes autores, as exigências teóricas dos seus textos fundadores para, a partir desse movimento, problematizar a própria noção de 'herança', isto é, lançar aos analistas de discurso o desafio de nos perguntarmos: 'como esses autores foram e estão sendo lidos, interpretados e postos em funcionamento em trabalhos atuais no Brasil?' (GREGOLIN, 2008, p. 34).

² Neste artigo, designa-se de Análise do Discurso Francesa aquela de linha pêcheuxtiana.

³ Há outras linhas de Análise do Discurso que não serão tratadas aqui: a Análise Crítica do Discurso, desenvolvida por Fairclough, a Análise Cognitiva do Discurso, de Teun van Dijk, a vertente atual da Análise do Discurso Francesa, desenvolvida por Maingueneau e Charaudeau, a Análise do Discurso de linha foucaultiana etc.

Nesse texto, Gregolin (2008) sinaliza as críticas que Pêcheux fez a Bakhtin com respeito a *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929), de forma que atribui aos dois autores leituras diferentes da teoria marxista. Também Orlandi (1997), baseada em Pêcheux, critica a “Ideologia da Vida” ou o “dialogismo sociologista”, de Bakhtin/Voloshinov. Não obstante, Pêcheux, em seus últimos escritos, incorporou noções de Bakhtin, como a heterogeneidade constitutiva (GREGOLIN, 2008), embora não tenha sido possível ampliar esse diálogo, provavelmente por falta de acesso a outros textos de Bakhtin e do Círculo.

Este artigo, portanto, propõe resgatar alguns conceitos nas obras de Bakhtin e Pêcheux, estabelecendo aproximações entre as identidades teóricas de suas propostas de Análise do Discurso. Para isso, serão retomados dois textos centrais: *Análise Automática do Discurso* (1969), de Pêcheux, e *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929), de Bakhtin/Voloshinov, partindo-se da premissa de que esses textos constituem as bases filosóficas do pensamento dos autores. A idéia central é promover uma leitura dialogada entre Bakhtin/Voloshinov e Pêcheux, procurando contribuir para uma compreensão ampliada de seu legado para a Análise do Discurso.

1. Da necessidade de compreender a comunicação humana

Pêcheux (1993a) abre a discussão empreendida em *Análise Automática do Discurso*, de 1969, através de uma observação pontual sobre a ciência linguística de seu tempo: estudar língua, em grande parte, significava estudar textos. Esta era a preocupação da Análise de Conteúdo e também da Análise de Texto: trabalhar a compreensão textual e os aspectos gramaticais dos textos, a partir do levantamento de problemas de cunho sintático e semântico que levavam à resolução de questões concernentes ao sentido. Sob essa perspectiva, o produtor do texto controlava seus sentidos, que deveriam ser desvendados pelos seus leitores.



No entanto, na visão de Pêcheux, a Análise de Conteúdo não passava de um deslocamento conceptual da ideia de estudo de língua de Saussure (a ser analisada em si mesma e por si mesma): propunha estudar o funcionamento do texto, mas não a função de suas partes para a construção do sentido. Ainda, pensar a língua de forma homogênea, tal como Saussure (1995), não daria conta de fenômenos que estivessem em níveis superiores à língua, como o

texto e o discurso. Além disso, a gramática gerativa de Chomsky, que na época era estudada com grande afinco, também não englobava tais fenômenos, tendo em vista que este também considerava “a normalidade do enunciado”, o qual supunha, assim, um locutor neutralizado, que operaria na língua dentro “da normalidade universal dos enunciados canônicos” (PÊCHEUX, 1993a, p. 73).

Apoiado na frase “a terra gira”, utilizada por Saussure como uma forma regular (normal) na língua, Pêcheux defende que ela não faria o menor sentido antes de Copérnico, que provou que a terra girava, e conclui:

Isso significa que nem sempre se pode dizer da frase que ela é normal ou anômala apenas por sua referência a *uma norma* universal inscrita *na* língua, mas sim que esta frase deve ser referida ao *mecanismo discursivo* específico que a tornou possível e necessária em um contexto científico dado (PÊCHEUX, 1993a, p. 73, grifo do autor).

Portanto, operar dentro da normalidade das regras universais da língua, para Pêcheux, não seria suficiente para explicar o sentido de uma frase, que deveria ter relação com o discurso, em determinado contexto. Pêcheux (1993a, p. 74) designa de *processos de produção* “o conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de tipo dado em ‘circunstâncias’ dadas”, processos tais que, para serem estudados em sua generalidade, necessitam de uma teoria, e acrescenta o postulado a partir do qual partirá essa teoria:

Enunciaremos a título de proposição geral que os *fenômenos lingüísticos de dimensão superior à frase podem efetivamente ser concebidos como um funcionamento*, mas com a condição de acrescentar imediatamente que este *funcionamento não é integralmente lingüístico, no sentido atual desse termo* e que

não podemos defini-lo senão em referência ao mecanismo de *colocação* dos protagonistas e do objeto de discurso, mecanismo que chamamos de ‘condições de produção’ do discurso (PÊCHEUX, 1993a, p. 78, grifo do autor).

Desta forma, um discurso não pode ser analisado como uma estrutura fechada em si mesma, ele deve ser posto em relação ao “*conjunto de discursos possíveis* a partir de um estado definido das condições de produção” (PÊCHEUX, 1993a, p. 79, grifo do autor). É com esse “estado das condições de

produção” que Pêcheux vai se ocupar, daí em diante, a fim de estabelecer os elementos que estruturam essas condições de produção.

Para isso, critica as duas abordagens mais utilizadas na época para explicar o comportamento verbal – o behaviorismo, de Skinner⁴, e a Teoria da Informação⁵, de Jakobson:

[...] A teoria da informação, subjacente a este esquema [o esquema emissor-mensagem-receptor], leva a falar de *mensagem* como transmissão de informação: o que dissemos precedentemente nos faz preferir aqui o termo *discurso*, que implica que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B mas, de modo mais geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B (PÊCHEUX, 1993a, p. 82).

A crítica pêcheuxtiana à teoria da informação de Jakobson reside, portanto, na ideia de que, em se tratando de discurso, não há como reduzi-lo ao mero esquema de transmissão/decodificação. Ora, se, na comunicação entre A e B, existem efeitos de sentido, então A e B não são representações físicas de seres humanos (sujeitos empíricos), mas dos lugares que eles ocupam em determinada formação social, lugares estes que também são representados no discurso, porém não de forma objetiva e direta, pois esses processos discursivos funcionam a partir de *formações imaginárias*. Essas formações

⁴ Skinner defendia que a linguagem era uma resposta do homem a um estímulo exterior.

⁵ Considerada um avanço na forma de pensar o comportamento linguístico, tendo em vista que Jakobson apresenta um interlocutor (receptor), mesmo que passivo, como parte integrante da comunicação do emissor.



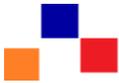
imaginárias determinam o papel que o locutor assume na comunicação verbal e também a ideia que ele tem do papel do seu interlocutor e vice-versa. As formações imaginárias, portanto, vão interferir nas condições de produção do discurso, na medida em que um locutor só vai falar algo a partir do lugar que ele ocupa, considerando também o lugar que seu interlocutor ocupa na comunicação.

Pode-se considerar que Bakhtin/Voloshinov, por sua vez, também criticaram esquemas comunicacionais baseados na decodificação (como reconhecimento da forma linguística) da mensagem pelo receptor. Para eles, a comunicação não se dá a partir do reconhecimento de uma mensagem, mas de sua compreensão:

Mas o locutor também deve levar em consideração o ponto de vista do receptor. Seria aqui que a norma lingüística entraria em jogo? Não, também não é exatamente assim. *É impossível reduzir-se o ato de descodificação ao reconhecimento de uma forma lingüística utilizada pelo locutor como forma familiar, conhecida.* [...] Não; o essencial na tarefa de descodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular [...] (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1992, p. 95, grifo nosso).

Diferentemente de Pêcheux, Bakhtin/Voloshinov (1992, p. 136, grifo do autor) não se referem à representação de sujeitos em *formações imaginárias*, mas enfatizam a posição dos locutores na produção do sentido: “A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da *interação do locutor e do receptor*”. Para Bakhtin, o sujeito, ao imprimir seus atos – de pensamento, de fala, de sentimento, ou ações – ocupa um lugar único no Existir⁶, em determinado evento no mundo. Através desses atos (objetos de uma Filosofia

⁶ Na tradução mais recente de *Para uma filosofia do ato responsável* (2010) para o português, utilizada neste artigo, Miotello e Faraco optam pelo emprego do termo ‘Existir’. Esse termo é traduzido como ‘Ser’, nas versões diretas do russo o inglês e para o espanhol (1997). A meu ver, o termo ‘Ser’ parece mais adequado, mas para manter a coerência terminológica com a tradução utilizada aqui, empregarei ‘Existir’.



Primeira), portanto, torna-se possível uma aproximação do existir na realidade concreta:

Somente do interior do ato real, singular – único na sua responsabilidade – é possível uma aproximação também singular e única ao existir na sua realidade concreta; somente em relação a isso pode orientar-se uma filosofia primeira (BAKHTIN, 2010, p. 79).

A posição que os sujeitos ocupam no mundo e, mais precisamente, na comunicação verbal, parece ser uma preocupação comum a Bakhtin e Pêcheux. Mas, não foi do interesse de Bakhtin fazer a distinção entre sujeito empírico e sujeito do discurso, como atestam algumas de suas obras (1992;

2003; 2010), já Pêcheux (1993a) se dedicou a falar em sujeitos do discurso imbricados em formações imaginárias, isto é, sujeitos inseridos em um mundo de discursos já falados, atravessado pelo já-ouvido e já-dito, o que posteriormente viria a ser chamado de *interdiscurso* (PÊCHEUX; FUCHS, 1993b). E aqui, novamente, estabelece um fio dialógico com a teoria bakhtiniana, com respeito ao conceito de dialogismo:

O objeto do discurso do falante, seja esse objeto qual for, não se torna pela primeira vez objeto do discurso em um dado enunciado, e um dado falante não é o primeiro a falar sobre ele. O objeto, por assim dizer, já está ressalvado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes modos; nele se cruzam, convergem e divergem diferentes pontos de vista, visões de mundo, correntes. O falante não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados aos quais dá nome pela primeira vez (BAKHTIN, 2003, p. 299-300).

Apesar do período de tempo que separa a aparição das ideias acerca da linguagem e da comunicação verbal, em ambos os autores – nos escritos de Bakhtin (datados entre 1952-1953): *Os gêneros do discurso* (originalmente, *O problema dos gêneros do discurso*) e nas formulações de Pêcheux, em *Análise Automática do Discurso* (de 1969) – é possível afirmar que, em princípio, ambos percorreram caminhos filosóficos semelhantes, para pensar a



linguagem e a interação verbal, tendo em vista as coincidentes preocupações com as posições dos interlocutores no discurso, a defesa de um discurso não-transparente, imerso no já-dito, ou na cadeia da comunicação verbal, onde nenhum discurso é inédito.

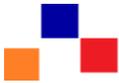
Também com respeito ao quadro epistemológico da Análise do Discurso Francesa é possível estabelecer uma leitura dialógica entre os pensamentos de Bakhtin e Pêcheux. Sabe-se que a Análise do Discurso Francesa tinha o objetivo de estudar o discurso em relação à ideologia e ao sujeito, uma maneira de tentar esclarecer as opacidades da língua, do sujeito e da história (ORLANDI, 1997). Pêcheux argumentava que a Linguística, tal como se apresentava na época, não teria como abarcar o estudo do discurso, tendo em vista que não proporcionava uma teoria do sujeito, tampouco se preocupava

com a ideologia. Diante disso, seria necessário construir um quadro epistemológico que englobasse a “materialidade discursiva como objeto próprio” (INDURSKY, 1997, p. 17). Foi então que Pêcheux e Fuchs (1993b), em 1975, propuseram a articulação de três campos do conhecimento: a) materialismo histórico, b) linguística e c) teoria do discurso, os quais estariam atravessados por uma teoria da subjetividade, de base psicanalítica (INDURSKY, 1997). Interessa, para os fins deste artigo, observar essa articulação, enfatizando o materialismo histórico, tendo em vista a pertinência da discussão sobre o marxismo em Bakhtin e Pêcheux, conforme será exposto a seguir.

2. Pêcheux, Bakhtin e o marxismo

O materialismo histórico⁷ foi pensado por Marx e Engels, no século XIX, em contraposição à visão idealista da história, embasadora da dialética

⁷ O materialismo marxista bifurca-se em Materialismo Histórico e Materialismo Dialético. Este último é onde se encontra a relação tese-antítese-síntese. Não obstante, o materialismo histórico aplica os princípios do materialismo dialético ao estudo da vida em sociedade e de sua história (STÁLIN, 1945), daí o porquê da referência acima ao materialismo histórico, e não ao materialismo dialético.

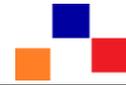


de Hegel. De acordo com Hegel, a sociedade era constituída pela infraestrutura (a base, formada pelas relações sociais de produção) e a superestrutura (a ideologia). O estudo dessa sociedade deveria partir da superestrutura, que determinaria a infraestrutura, ou seja, para analisar certo sistema de trabalho, era preciso recorrer ao conhecimento prévio sobre aquele sistema (MARX, 2003). Assim, por exemplo, as relações sociais de produção de um regime escravocrata seriam a representação direta do que se conhecia e estava estabelecido ideologicamente (pela Economia) a respeito de um regime escravocrata.

Para Marx (2003), a visão de Hegel não condizia com o processo de vida dos indivíduos, mas como eles eram representados pela ideologia, daí por que era considerada uma concepção idealista. Foi então que Marx e Engels, em 1845-1846, fundamentaram seu materialismo histórico, pautado na realidade dos indivíduos, e não em sua representação: era preciso um olhar voltado para

a infraestrutura (base), que refletiria na formação da superestrutura (ideologia). Nesse sentido, Marx e Engels defendiam o estudo das “formações de idéias a partir da *práxis*” (INDURSKY, 1997, p. 18). Na dialética do materialismo histórico, isso significava que, diante de um conceito já estabelecido pela ciência (uma tese), isto é, ideologicamente, era necessário observar a realidade das relações sociais (a antítese), a fim de comprovar a teoria, ou refutá-la, criando um novo conhecimento sobre aquela realidade (a síntese) (MARX, 2003).

Desta maneira, por exemplo, na sociedade brasileira, está estabelecido pela ciência (superestrutura) que o regime de trabalho é o assalariado (a tese). Mas, hipoteticamente, em estudo empreendido por pesquisadores em certa região do agreste nordestino, observou-se que não havia naquele local o regime de trabalho assalariado como forma predominante das relações sociais de produção, mas o regime de parceria, tendo em vista que o dono da propriedade alugava a terra para que trabalhadores rurais plantassem milho, e esse aluguel não era pago com dinheiro, mas com parte da produção do milho



(a antítese). Diante desse fato, os pesquisadores tratam de explicar aquela realidade local, propondo novos conceitos (a síntese). Segundo o materialismo histórico de Marx e Engels, portanto, a sociedade (a infraestrutura) tem sua representação na ideologia (superestrutura).

Posto isso, Althusser voltou-se para o materialismo histórico e o desenvolveu: para ele, a ideologia não era, como para Marx, a “falsa consciência”, isto é, o falseamento da realidade em função de interesses da classe dominante: a “ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (ALTHUSSER, 1983 *apud* INDURSKY, 1997, p. 18). Assim, seria preciso partir do estudo da base econômica da sociedade, para então abordar a “reprodução das condições econômicas, políticas e ideológicas” que, por seu turno, tratariam de manter a base de tal sociedade – a ideologia da classe dominante serviria à classe dominada, de maneira que a estrutura social se mantivesse a favor da classe dominante.

A ideologia, para Althusser, tinha uma existência material, pois era representada pelos aparelhos ideológicos do Estado, as grandes instituições da sociedade (a Igreja, a Ciência, o Direito etc.), e refletia uma “*relação social que tem por objeto representações que refletem as relações [...] que colocam os homens em relação entre si e com a natureza*” (INDURSKY, 1997, p. 19, grifo do autor). Dessa maneira, por não serem as próprias relações sociais que apareciam na ideologia, mas a representação delas, tais relações entre os homens eram imaginárias, o que fez com que Althusser concluísse que não existia prática que não fosse através de uma ideologia e que não haveria ideologia sem que fosse pela relação entre sujeitos, que por ela eram interpelados. Assim, ser sujeito era reconhecer sua posição nas relações sociais. O sujeito, portanto, era social e interpelado pela ideologia.

Pêcheux ampliou a reflexão de Althusser para pensar o papel da linguagem na sociedade: para ele, a linguagem “refletia inevitavelmente a luta de classes, trazendo, intimamente ligada à sua produção, as marcas de

formação/reprodução/transformação das condições em que foi produzida” (INDURSKY, 1997, p. 20), porquanto a linguagem era uma das formas de manifestação da ideologia, e os aparelhos ideológicos do Estado eram lugares de transformação das relações de produção, e não simplesmente a reprodução da ideologia da classe dominante, conforme argumentava Althusser. Diante disso, o discurso teria um papel fundamental tanto para a observação da luta de classes quanto para acompanhar as mudanças no interior de uma sociedade.

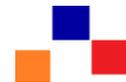
Uma aproximação do pensamento de Pêcheux e Bakhtin/Voloshinov é possível também com respeito à relação entre linguagem e ideologia, conforme se vê:

Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, *tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. [...] No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica, etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata*

a realidade à sua própria maneira. [...] Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1992, p.30-32, grifo nosso).

Ainda, Bakhtin/Voloshinov, à semelhança do pensamento de Pêcheux, criticam a visão de ideologia que reflete a infraestrutura, sem haver espaço para mudanças nas relações sociais de produção. Para eles, o problema da relação direta de determinação da superestrutura pela infraestrutura pode ser resolvido pelo estudo do signo, que reflete e refrata a realidade em transformação:

[...] É impossível estabelecer o sentido de uma dada transformação ideológica no contexto da ideologia correspondente, considerando que toda esfera ideológica se apresenta como um conjunto único e indivisível cujos elementos, sem exceção, reagem a uma transformação da infra-estrutura. [...] *O problema da relação recíproca entre a*



infra-estrutura e as superestruturas, problema dos mais complexos e que exige, para sua resolução fecunda, um volume enorme de materiais preliminares, *pode justamente ser esclarecido, em larga escala, pelo estudo do material verbal*. De fato, *a essência deste problema, naquilo que nos interessa, liga-se à questão de saber como a realidade (a infra-estrutura) determina o signo, como o signo reflete e refrata a realidade em transformação* (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1992, p. 39-40, grifo nosso).

O lugar de reflexão e refração da ideologia constituída é justamente na esfera da vida cotidiana. É na vida, nas interações do dia-a-dia, que os sistemas ideológicos constituídos encontram seu lugar, mas, ao mesmo tempo, por essas interações serão modificados, de forma dinâmica. A esfera da vida cotidiana, então, apresenta uma ideologia, a que Bakhtin/Voloshinov chama de “ideologia do cotidiano”, responsável por refletir e refratar, através da linguagem, os sistemas ideológicos constituídos:

Os sistemas ideológicos constituídos da moral social, da ciência, da arte e da religião cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão assim normalmente o tom a essa ideologia. Mas, ao mesmo tempo, esses produtos ideológicos constituídos conservam constantemente um elo orgânico vivo com a ideologia do cotidiano; alimentam-se de sua seiva, pois, fora dela, morrem, assim como morrem, por exemplo, a obra literária acabada ou a idéia cognitiva se não são submetidas a uma avaliação crítica viva. Ora, essa avaliação crítica, que é a única razão de ser de toda produção ideológica, opera-se na língua da ideologia do cotidiano (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1992, p. 122).

Diante da proposição de Althusser a respeito da *representação* das relações sociais na ideologia e da existência da ideologia do cotidiano para Bakhtin, depreende-se que a ideologia é *representada* no discurso, tanto para Bakhtin/Voloshinov quanto para Pêcheux. E Pêcheux acrescenta que essa representação se dá através de *efeitos de sentido*:

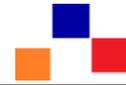
Em nosso entender, pois, a *ideologia para a AD consiste na representação da relação imaginária com o mundo real no interior dos processos discursivos*. [...] A isso gostaríamos de acrescentar que, por um lado, o discurso, enquanto prática

discursiva, trabalha para que o efeito de sentido discursivamente construído produza a ilusão de sentido único; por outro lado, a AD trabalha sobre a materialidade discursiva, procurando desconstruí-la para determinar os funcionamentos discursivos que promovem a instauração dessa ilusão, da mesma forma que procura analisar os processos de significação dos quais participa o efeito de sentido construído pelo discurso como sentido único (INDURSKY, 1997, p. 20-21, grifo do autor).

É importante, no entanto, esclarecer que embora Bakhtin/Voloshinov e Pêcheux tenham mobilizado a relação entre linguagem e ideologia, essa relação não é idêntica nas formulações de ambos. Se, em Bakhtin/Voloshinov, a ideologia é necessariamente relacionada ao discurso pelo signo, conforme visto, em Pêcheux, é através do sujeito que ela aparece primeiramente, cujo discurso é um dos elementos que constituem sua materialidade, não havendo coincidência entre sujeito e ideologia (INDURSKY, 2005).

De qualquer maneira, o signo (discurso) é essencial para a compreensão da ideologia em ambos os autores. Para Bakhtin/Voloshinov (1992, p. 32), a realidade do signo é passível de estudo: “A realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo”, de maneira que é crucial procurar entender “*como* a realidade (a infra-estrutura) determina o signo, *como* o signo reflete e refrata a realidade em transformação” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1992, p. 40). E se a Análise do Discurso Francesa trabalha para desconstruir a materialidade discursiva, isso se dá por que Pêcheux acredita que as marcas linguísticas são suscetíveis de descrição e análise.

Na Análise do Discurso Francesa, cabe ao analista do discurso a descrição dos “funcionamentos responsáveis pela produção de efeitos de sentido” (INDURSKY, 1997, p. 31). Essas marcas são colocadas por *sujeitos de discurso* que, em consonância com o pensamento de Althusser, são sujeitos interpelados ideologicamente. Ainda, tendo em vista que o discurso, para Pêcheux e Fuchs (1993b), é efeitos de sentido entre locutores, a linguagem é vista como “uma prática simbólica, uma prática que se constitui pela via do significante e que se encontra na gênese do processo de constituição do



sujeito” (MARIANI, 1998, p. 88). O indivíduo, dessa forma, ao atingir o simbólico, pela linguagem, torna-se sujeito, na medida em que se insere na sociedade, mas não tem consciência disso, pois é assujeitado ideologicamente. Assim, o sujeito, na AD, é interpelado pelo inconsciente e pela ideologia, de modo que as condições de produção do seu discurso vão interferir na interpretação dos sentidos de seu discurso, uma vez que, segundo Pêcheux (1993a) e Pêcheux e Fuchs (1993b), o discurso é determinado historicamente.

Como se observa, também no quadro epistemológico da Análise do Discurso Francesa é possível aproximar o pensamento de Pêcheux ao de Bakhtin. De fato, é questionável se são apresentadas leituras diferentes do marxismo, já que tanto Pêcheux quanto Bakhtin/Voloshinov partem da mesma base marxista, pois defendem que a ideologia não reflete de forma mecanicista a infraestrutura, sem haver espaço para mudanças nas relações sociais de produção, as quais, por sua vez, podem ser acessadas através do signo (discurso). Talvez fosse mais apropriado pensar em um deslocamento que, em Pêcheux, desemboca nos conceitos de *efeitos de sentido* e *relações imaginárias*, nos quais o sujeito assume papel central, e, em Bakhtin/Voloshinov, no conceito de *ideologia do cotidiano*, desenvolvido em torno do signo.

Considerações finais

Diante da profusão de linhas de Análise do Discurso na atualidade, acredita-se que é interessante destacar os traços que estabelecem suas identidades, mas também buscar suas convergências. Trata-se de um trabalho de retorno aos autores, seja nos primeiros escritos, seja nos textos mais recentes, colocando-os para dialogar entre si, e também com outros

pensadores da Análise do Discurso, da Filosofia, ou de outras áreas de interesse mútuo.

Nesse sentido, este artigo foi escrito com o intuito de estabelecer relações dialógicas entre os postulados teórico-filosóficos na obra de Pêcheux, Bakhtin e Bakhtin/Voloshinov. Trata-se de uma tentativa de abordagem que permite uma aproximação e uma melhor compreensão do pensamento dos autores, contrária a uma postura homogeneizante ou redutora de suas ideias.

Dessa forma, considerou-se necessária uma retomada de dois textos básicos: *Análise Automática do Discurso* (1969), de Pêcheux, *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929), de Bakhtin/Voloshinov. Tais textos, ao serem colocados em diálogo, evidenciam uma proximidade entre o pensamento pechêuxtiano e o bakhtiniano, uma proximidade que está nas raízes filosóficas dos referidos autores. Tal aproximação, no entanto, não implica que os autores seguiram o mesmo caminho; ao contrário, a partir da recepção das ideias de Pêcheux e de Bakhtin, foram desenvolvidas, em diferentes contextos de circulação de suas ideias, propostas diversas de análise do discurso, a Análise do Discurso Francesa e a Análise Dialógica do Discurso.

Demonstrou-se que uma preocupação coincidente entre os filósofos: pensar a linguagem e a interação verbal levando-se em consideração as posições dos interlocutores no discurso, um discurso opaco, imerso na cadeia da comunicação verbal. Além disso, a partir da leitura de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1992) e de *Análise Automática do Discurso* (PÊCHEUX, 1993a; PÊCHEUX; FUCHS, 1993b), tornou-se possível observar os olhares de Pêcheux e Bakhtin sobre o materialismo histórico, demonstrando que a ideologia aparece indistintamente relacionada à linguagem e, conseqüentemente, a sujeitos de linguagem, conservadas as particularidades advindas do desenvolvimento dessa relação em ambos os autores.

Enfim, revisitar Bakhtin e Pêcheux em seus primeiros textos, sobretudo com respeito ao sujeito e à ideologia, parece ser apenas a abertura de um caminho profícuo de diálogo entre os autores, que compartilham do mesmo



objetivo: a incessante busca pela compreensão da linguagem situada, produzida por sujeitos históricos, ideológicos e em constante interação com outros sujeitos sociais.

Referências

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 6ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. do russo de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João editores, 2010.

BRAIT, B. Análise e Teoria do Discurso. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

GREGOLIN, M. R. Bakhtin, Foucault, Pêcheux. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin**: outros conceitos-chave. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

INDURSKY, F. **A fala dos quartéis e outras vozes**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. A ideologia em Bakhtin e em Pêcheux: um estudo em contraponto. In: ZANDWAIS, A (org.). **Mikhail Bakhtin**: Contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 2005.

MALDIDIER, D. Elementos para uma história da Análise do Discurso no Brasil e na França. In: ORLANDI, E.P. (org.). **Gestos de leitura**: da História no discurso. Campinas: Ed. da Unicamp, 1994.

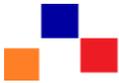
MARIANI, B. 1998. Ideologia e inconsciente na constituição do sujeito. **Gragoatá**, n. 5, p.87-95, 2º sem, 1998.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2003.

ORLANDI, E. P. M. Bakhtin em M. Pêcheux: no risco do conteudismo. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: dialogismo e construção do sentido. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. **Língua e conhecimento linguístico**: para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**. Trad. De Bethania Mariani *et al.* 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993a.



PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. 1993. **Por uma análise automática do discurso**. Trad. De Bethania Mariani *et al.* 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993b.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 20ª ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

STÁLIN, J. V. **Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico**. Rio de Janeiro: edições Horizonte, 1945. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/stalin/1938/09/mat-dia-hist.htm>; Acesso em: 13/12/2013.

Recebido em 10/12/2012.

Aceito em 30/06/2013.

Ludmila Mota de Figueiredo Porto

É professora de Linguística e Língua Portuguesa na UEPB – Campus VI, graduada em Letras (português/inglês) na UFPE, bacharel em tradução. Possui Mestrado em Linguística na UFPE, na linha de pesquisa "Linguagem, trabalho e sociedade", em que desenvolveu um estudo dialógico-discursivo da atividade dos cuidadores de idosos em instituições geriátricas do Recife, concluído em 2010. Atualmente, é doutoranda em Linguística na UFPE, onde se dedica ao estudo dos manuais voltados para os cuidadores de idosos e da relação desses textos com a atividade real desses trabalhadores, na perspectiva da Ergolinguística. E-mail: ludmila_porto@yahoo.com.br

Maria Cristina Hennes Sampaio

Pós-Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP, Doutora em Linguística pela USP-SP, professora adjunta do Departamento de Letras da UFP (Programa de Pós-Graduação em Letras), Editora Assistente da Revista *Eutomia* (Linguística e Literatura), além de participar de comissões editoriais de periódicos de âmbito nacional (*Bakhtiniana* – PUC/SP;) e internacional (*Ergologia* – Aix-em-Provence/FR). Orienta projetos de pesquisa com temáticas voltadas aos estudos da sociedade, saúde, ensino e trabalho no âmbito dos estudos da Análise Dialógica do Discurso, da Filosofia da Linguagem e da Ergolinguística. E-mail: mc.hennes@hotmail.com